

A COMUNIDADE DE “JUDEUS-ADVENTISTAS” NO BRASIL: SINCRETISMO RELIGIOSO OU NOVAS RELEITURAS DE CONVERSÃO MESSIÂNICA?

Helena Lewin

Este “paper” é parte de uma pesquisa em andamento e, como tal, deve ser apreciado em sua incompletude que, provavelmente, contará com adicionais complementações quando a totalidade dos dados estiver coletada e analisada. Em termos de seu objetivo este estudo tem uma dupla intencionalidade: de um lado, analisar sucintamente a religião “Adventistas do 7^o Dia” dentro do processo de expansão dos modernos movimentos religiosos evangélicos que ora se verifica com muita intensidade no Brasil e, de outro lado, apresentar a dinâmica do recente estabelecimento de uma seita, dela derivada, denominada de Beit Bnei Tzion, também chamados de judeus-adventistas.

Os Adventistas do 7^o Dia cujo perfil é majoritariamente composto de indivíduos de classe média urbana diferencia-se de outros movimentos neopentecostais cujos discursos e práticas religiosas dirigem-se preferentemente para as camadas de baixas rendas atingindo, também, de forma abrangente a área rural.

A evolução dos movimentos religiosos evangélicos permite apontar a ocorrência de crescimento progressivo no número total de seus fiéis para todo país¹ alterando a composição religiosa da população brasileira cujos dados recentes do Censo Demográfico visualizam um desequilíbrio no quantitativo inter-religioso cristão que, embora os católicos continuem numericamente dominantes, sua proporcionalidade tende a baixar. Lewin² sustenta a tese de que o Brasil presencia, a partir da segunda metade do século XX o despertar de fervor religioso, ou um “*religious revival*”, porém abandonando seu anterior formato clássico, afastando-se da reprodução de práticas consagradas pelas grandes religiões históricas cristãs. São criados

- 1 A F Pierucci & R A Prandi: *A Realidade Social das Religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo 1996.
- 2 Helena Lewin: “Religiões Messiânicas no Brasil Urbano”. Atlanta: VI Internacional Congress of Brazilian Studies – BRASA, 2002.

novos padrões de comportamento carismático para sua liderança e no modo de relacionamento desta com os fiéis cuja exigência de adesão ao pentecostalismo se faz pela emoção dos milagres e da exacerbação dos sentidos como forma de irrupção da fé. O tipo de misticismo e de irracionalismo daí decorrente não permite igualar o movimento neo-pentecostal ao fundamentalismo islâmico cuja aderência às suas escrituras sagradas é total e excludente, contrariando a mobilidade intra-religiosa tão comum nos segmentos mais incultos da população brasileira, mobilidade essa que delinea um perfil em permanente “se fazendo” e, até certo ponto, determinante na configuração de sua “facies” congregacional.

Observa-se uma certa circularidade de fiéis entre as variadas denominações cuja multiplicidade de ofertas religiosas no campo pentecostal induz os protagonistas diretamente envolvidos no culto – dirigentes, pastores e corpo de fiéis – em se converterem em porta vozes, formais e informais, no sentido de ampliar o seu público na medida que o mesmo se apresenta com baixo índice de fixação. Cria-se, assim, uma situação de confronto que se apresenta complexa pois, ao instalar-se acompanhando as mudanças no processo da modernidade brasileira, influencia todas as denominações religiosas cristãs – protestantes e católica – visto caracterizar-se como uma disputa pelo mercado religioso no qual cada concorrente prepara seus discursos adjetivando os atributos e benefícios de sua proposta religiosa.³

O Adventismo do 7^o Dia, objeto de análise deste texto, além de sua extração social de classe média urbana vincula-se organicamente a uma complexa e extensa organização de cobertura internacional, estruturada segundo princípios da moderna teoria das Organizações em torno do princípio da eficiência e da racionalidade que preside a seleção dos meios para a consecução de seus fins: levar a palavra de Deus a um número cada vez maior de fiéis e prestar assistência a eles, de forma integral. Para tal, construíram e vem ampliando um diversificado equipamento comunitário visando ofertar serviços, tecnicamente de boa qualidade, estando presente em uma ampla gama de especializações.

O Adventismo do 7^o Dia constitui uma religião cristã-protestante cujo estudo e leitura do Velho Testamento tem importância central em sua teologia ao lado do Novo Testamento. O Sábado é celebrado como dia de Guarda do Senhor em substituição ao Domingo, fato que contraria e cria celeuma entre os cristãos de várias denominações, colocando os Adventistas em relativo isolamento face às demais religiões, quer seja a católica romana ou a ortodoxa, quer sejam os protestantes históricos, os messiânicos ou os neo-pentecostais.

3 C Rolim: *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis 1985.

Há duas significativas crenças incorporadas e associadas ao nome de Advento ou Adventista: a fé na proximidade da Segunda vinda de Jesus, o Ungido ou o Messias, e a outra crença refere-se ao dia bíblico de culto, o sétimo dia da semana, o Sábado, cujo comportamento do fiel deve ser norteado pela palavra contida nas escrituras sagradas.⁴

Os Adventistas consideram-se “Igreja Remanescente”. Qual o significado desta definição? Sua literatura religiosa sustenta que o corpo doutrinário de sua fé está intimamente vinculado a Cristo e seus apóstolos que eram judeus, permaneceram judeus e se comportaram bíblicamente como judeus. Portanto, as remotas origens de sua crença estão imbricadas à pregação apostólica e aos primeiros judeus que, no decorrer do tempo, foram criando, gradualmente, uma identidade mista: os judeus-cristãos e, posteriormente transformaram-se nos cristãos das catacumbas quando o Sábado judaico era ainda santificado de acordo com a escritura do Velho Testamento.

A partir de Constantino, em 321 da era comum, quando ocorre a transferência forçada do Sábado para o Domingo, certos grupos cristãos recusaram-se a pactuar com o paganismo entendendo que guardar o Domingo significava cultuar o dia do deus Sol. Esse deslocamento da preferencialidade do Sábado para o Domingo foi confirmado pela Igreja após a sua unificação tornando-se “romana” como símbolo de sua intencionalidade imperial. Segundo a teologia adventista, o Sábado é um dia santificado pelo próprio Criador na trajetória da criação do mundo, contada no Gênesis, passando o Dominus a ser caracterizado como heresia porque significava uma deliberada intervenção humana no tempo e na lei de Deus expressando a dominação do poder temporal da igreja sobre sua essência espiritual.

Wagner Neves Rocha, em seu texto *O Sábado e o Tempo*,⁵ aponta que a aliança ou fusão realizada entre o poder religioso e o poder político temporal passou a ser considerado como o “tempo da iniquidade” e a Igreja rotulada, por seus oponentes, como uma “igreja apóstata” na medida da extrapolação de seu papel religioso e o uso de sua força de pressão e intervenção nos interesses e negócios das nações. Os que não aceitaram a determinação doutrinária da Igreja Católica de consagrar o Domingo como dia de Guarda do Senhor foram marcados como heréticos e sujeitos à perseguição. A celebração do Sábado é considerada, pelos Adventistas,

4 W. Reinaldo Siqueira: “O Shabbat e o Decálogo entre Judeus e Adventistas no Brasil.” Rio de Janeiro: III Encontro Brasileiro de Estudos Judaicos /UERJ, abril 2002.

5 Wagner Neves Rocha: *O Sábado e o Tempo*. Rio de Janeiro: UERJ: Programa de Pós Graduação em Antropologia- Dissertação de Mestrado.

como cerimônia central de sua prática religiosa, configurando sua singular identidade diferenciada em relação às demais denominações cristãs. Sua inspiração sabática se fundamenta no 4º mandamento do Decálogo (Êxodo 20:8.11).⁶ Esse mandamento, abrangentemente explícito, incorpora a universalidade do descanso semanal como obrigatoriedade a todos os agentes, humanos e animais, a obedecerem a prescrição judaica de obediência ao Sábado e de culto a Deus. Os judeus interpretam o Sábado como tendo a função de fundir o passado e o futuro em um movimento existencial que regula a vida do homem e do planeta comemorando-se, a cada sete dias, a criação do mundo – o eterno presente. Os Adventistas também assumem esta interpretação atribuindo ao Sábado o papel de centralidade em suas vidas porque unifica a dimensão religiosa e material que orienta seu cotidiano e apontam-no como um momento de reflexão, encontro e diálogo,⁷ portanto, qualificando-o como uma essência que transcende o mero descanso semanal.

Nos livros doutrinários monoteístas, o tempo é uma categoria de santidade onde se afirma sua presença histórica e sagrada pois é parte da própria Criação. Mais tarde, à época do êxodo dos judeus da escravidão egípcia, a categoria espaço vai ocupar um lugar sacralizado na historiografia judaica quando é ordenado a construção do Tabernáculo, a santidade do espaço que acompanha o povo judeu em sua trajetória milenar.⁸ O tempo foi santificado por Deus, o espaço (o Tabernáculo) foi consagrado por Moisés. O Sábado é inteiramente independente do mês e não é determinado por qualquer acontecimento da natureza. Sua essência é completamente destacada do mundo do espaço. Assim, a santificação do Sábado independe de qualquer desiderato humano; ele reside no mandamento divino e na condição de “separado para uso santo” sendo percebido em uma dupla perspectiva: ao apontar para o tempo em que a terra era perfeita e a felicidade reinava suprema e, para aquele outro tempo, em que a terra voltará a ser perfeita – o futuro tempo messiânico. Segundo a exegese adventista, a criação e a redenção estão intrinsecamente associados no cotidiano do fiel que se realiza através do Sábado.

6 Quarto Mandamento: “Lembra-te do dia de Sábado para santificar... Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra... Mas o sétimo é o Sábado do Senhor teu Deus: não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem teu animal, nem o estrangeiro que está dentro das tuas terras...abençoou o dia de Sábado e o santificou”.

7 Jacques Doukhan: “Loving the Sabbath as a Christian: A Seventh-Day Adventist Perspective”, in T Eskenazi, D Harrington & W Shea (eds.): *The Sabbath in Jewish and Christian Traditions*. New York, 1991.

8 Rocha, *O Sábado...*

Judeus e Adventistas aproximam-se no que se refere à centralidade do Sábado em suas teologias. Contudo, cessa aí a semelhança, porque a visão messiânica do mundo futuro é completamente divergente entre as duas religiões. Há ainda outras diferenças. O dogma da Santíssima Trindade os separa irremediavelmente na medida que altera a condição una e indivisível da figura de Deus no judaísmo ao introduzir três elementos da mesma matéria que ora é Deus-pai, ora é Deus-filho e ora é o próprio Espírito Santo. Em seu monoteísmo, os judeus sustentam que a vinda do Messias inaugurará os dias de paz, de fartura e felicidade para todos os homens – vivos e mortos revividos para entrar na eterna glória de Deus, diferenciando-se, de forma radical, da visão adventista sobre a segunda vinda do Messias, nos fins dos tempos. Os termos contidos no Novo Testamento, no capítulo do Apocalipse que ao interpretar Jeremias (31:31-34) e os Salmos procuram demonstrar a existência de uma conexão íntima entre o Velho e o Novo Testamento, também chamando à cena a passagem (18:15-18) do Deuteronomio: “O Senhor teu Deus te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a mim; a ele ouvirás...e porei as Minhas palavras em sua boca, e ele lhes falará tudo o que eu ordenar...”. Mas será sobre as profecias de Daniel que o adventismo se baseia para justificar dois princípios básicos de sua doutrina. Um, de que as escrituras sagradas do Novo Testamento decorrem das raízes judaicas do Velho Testamento, por isso deve-se ler as duas complementarmente,⁹ e o outro, é de que a partir dos escritos de Daniel (7: 1-30; 8: e 9:1-6) fica provado a emergência de um futuro 2^o Advento messiânico,¹⁰ evento este que coincide com a proposta judaica da vinda do tão esperado Messias.

Esta exposição sucinta justifica-se neste texto por duas razões: primeiro, pelo crescimento acelerado da presença adventista no espaço urbano em vários países do mundo, conforme os dados que a seguir serão demonstrados, e segundo, pelo seu desdobramento em termos de criar uma nova denominação “judeus – adventistas” no intuito de consolidar a convergência entre essas duas religiões através do Bnei Tzion, que será discutido adiante.

Em um século e meio desde sua criação o total de adeptos registrados nas Igrejas Adventistas já alcançou mais de 15 milhões de membros com 45 mil templos espalhados em 209 países pregando em 717 línguas e centenas de dialetos. No setor educacional, que tem sido objeto de grande atenção e investimento, os Adventistas do 7^o Dia congregam 5.600 escolas e universidades e no campo da assistência social possuem 635 hospitais e clínicas

9 Goldstein Clifford: “1844”. *Shabbath Shalon*, vol. 8, 1998.

10 Doukhan, “Loving the Sabbat...”.

além de orfanatos e asilos. Na mídia estão presentes em 924 estações de rádio usadas semanalmente e 1229 estações de TV. A Igreja Adventista é reconhecida como entidade confiável e humanitária por 233 governos ao redor do mundo. Na área da produção econômica controlam 28 indústrias alimentares visando atender seus fiéis no que tange aos preceitos dietéticos bíblicos (*kashruth*). Os dados numéricos a respeito da expansão desta Igreja revelam que a cada 48 segundos, um novo membro é batizado e diariamente são organizadas cinco novas congregações nas mais diferentes partes do mundo.¹¹

A corrente religiosa denominada de Bnei Tzion, os “judeus-adventistas” (Congregação dos Filhos de Sion) não deve ser, sociológica e teologicamente, considerada como uma dissidência ou um cisma na medida que é um produto intencionalmente gerado e subordinado aos Adventistas do 7^o Dia.. Sua criação é relativamente recente. Contudo, vivencia um progressivo movimento de expansão, principalmente nos Estados Unidos, de onde emana uma grande produção especializada na vertente da literatura temática do judaísmo e do cristianismo consubstanciada em livros e revistas de esmerado formato gráfico e excelente qualidade intelectual preenchendo a importante função de divulgação e fonte de consulta sobre a reflexão judaica-cristã (ver *Shabbat Shalom, Jewish Heritage, Shabbath Herald, L’Olivier*, entre outros).

Em Israel existem atualmente 35 congregações dos Adventistas do 7^o Dia, espalhadas por todo país, com uma população de fiéis estimada em 5000 membros, havendo quatro congregações Bnei Tzion, já consolidadas e localizadas nas principais cidades: em Tel-Aviv formada majoritariamente por judeus do Azerbaijão; em Haifa com predominância rumena; em Bersheba e Jerusalém com um público israelense de diversas origens. Além dessas mencionadas, encontram-se em estágio de implantação outras 5 comunidades Bnei Tzion. O processo de expansão está ocorrendo em quase todos os países da Europa ocidental e oriental assim como na América Latina cuja primeira Bnei Tzion foi criada no Chile, seguida da Argentina, México e Brasil onde após um ano e meio de fundação já tem 5 congregações em cidades-capitais de relevância: S.Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Belém, além de Campinas, cidade importante do interior de S.Paulo por ser um polo universitário de grande impacto no cenário educacional brasileiro e que é, também, sede de um Seminário Teológico Adventista para formação de pastores de onde se irradia a divulgação sobre essas novas comunidades, estimulando a criação de outras no Brasil, preferentemente em áreas demograficamente urbanas. O Reitor do referido

11 Site da Igreja Adventista do 7^o Dia no Brasil.

seminário pode ser considerado como um intelectual orgânico do movimento Bnei Tzion, dentro e fora do Brasil, produzindo textos de reflexão teológica publicados nos veículos de comunicação adventista, nacionais e internacionais, sendo, simultaneamente, um divulgador, doutrinador, oficiante carismático e competente no uso da palavra bíblica.

Como podemos analisar o Bnei Tzion?

Em 1^o lugar, é uma criação de natureza híbrida, pois não é inteiramente judaica nem inteiramente adventista, o seu suporte teológico repousa fundamentalmente na defesa das tradições judaicas mas adaptadas ao princípio normativo do 2^o advento, conforme anteriormente mencionado.

Em 2^o lugar, inscreve-se em uma situação de anomia cujos membros não o declaram ou não o percebem por não ter apreendido corretamente a ambigüidade instalada. Esse processo anômico reflete-se no descompromisso de plena adesão que se espera de um envolvimento de tipo religioso. Ou seja, há um permanente fluxo e refluxo em relação à presença ao culto que compreende uma platéia majoritariamente adventista, outros na qualidade de convidados por seus pastores para participar e conhecer a congregação Bnei Tzion, além daqueles que se sentem completamente identificados a ponto de se denominarem “judeus- adventistas”, porém em numero ainda reduzido. Esses últimos, em sua grande maioria, declararam que tinham uma vaga notícia da existência de um parente judeu em gerações passadas, porém relativamente longínquas; sabiam de sua descendência por comentários na família mas não foram capazes de reproduzir em que se baseava o judaísmo de seus parentes. A participação destes no Bnei Tzion não era converter-se ao judaísmo mas confessavam que eram movidos pela intenção de um conhecimento mais profundo e de praticar um relacionamento mais aproximado com os judeus visto reconhecer que estes eram portadores da Bíblia Sagrada através do Velho Testamento que consideravam parte integrante de sua filiação religiosa.

Nos escritos de divulgação das congregações Bnei Tzion, há uma justificativa em relação à escolha de seu nome que alude à situação de “exílio de cada judeu”, como também de todo aquele que crê no Deus de Israel, e sua esperança e anseio por “uma outra cidade e por uma outra terra”. O nome Tzion (Sião) expressa em si “a esperança final de um novo céu e de uma nova terra onde nunca mais se ouvirá a voz de pranto e de clamor” (Isaías 65:1719). Quanto a seus propósitos, o texto de inauguração do Templo Bnei Tzion (Templo Judaico-Adventista) de São Paulo assim declara:

1^o reviver nos membros adventistas, que são de origem judaica, o amor e a apreciação das tradições e cultura de seu povo,

- reafirmando assim a sua identidade judaica e a sua ligação com a comunidade judaica em geral.
- 2^o desenvolver no meio adventista como um todo, e entre os não adventistas, um maior conhecimento, apreciação e respeito pelo judaísmo e por Israel, como também pelas suas raízes judaicas da fé cristã.
 - 3^o promover entre judeus assimilados que simpatizam conosco, um reavivamento e despertar da sua identidade judaica e, sobretudo, do amor de deus de Israel e à sua palavra
 - 4^o prover um local que sirva de base para o diálogo aberto e respeitoso entre a comunidade adventista e judaica a fim de aprofundar uma amizade mútua, seguindo as recomendações da Conferência geral de 1994. (órgão diretivo mundial dos Adventistas do 7^o Dia).

Analisando os quatro postulados acima enunciados, observa-se que as propostas giram em torno da missão adventista de recuperar a fé daqueles judeus afastados de sua crença, os assimilados, valorizando suas origens religiosas e a cultura de seu povo, embora não haja a promessa de sua reconversão ao judaísmo. Acreditam que o afastamento desses indivíduos da fé judaica não deve ser interpretada como uma fuga radical ou uma ruptura definitiva em relação aos sentimentos religiosos que cada um traz em seu coração. Assim, através do ensinamento e da demonstração da sabedoria da Bíblia – o Velho Testamento – é possível sensibilizar esses judeus para recosturarem/rejuntarem/remendarem seus laços anteriores com sua comunidade não significando, necessariamente, se auto-afirmarem como judeus convictos e praticantes. A recostura como um processo social ao nível do indivíduo não significa voltar à situação anterior, intacta, de antes de seu abandono, parcial ou total. A recostura, ou a emenda dos fragmentos ainda restantes, passa a ser um outro modo de apreender a fé judaica sob a ótica de seus valores básicos mas permeada pela visão do messianismo adventista. Desse modo, esta tarefa significa a reiteração de sua doutrina visando encaixá-los em um arranjo em que são reconhecidos como judeus com os quais os adventistas possuem ligações de afeto e respeito dada a convergência de sentimentos com os cristãos primitivos cuja raiz judaica é permanentemente reiterada.

Concomitantemente, os Adventistas do 7^o Dia ao lidar com os “assimilados” como clientela preferencial em sua tarefa doutrinária, trabalham com uma especificidade social na medida que os assimilados portam uma identidade de “desenraizados” ou “indivíduos soltos”, em relação à sua fé e tradição originais exibindo vínculos de precário pertenci-

mento à memória histórica ou cultural passada. Isso porque, ainda não procederam a ruptura definitiva, o total esquecimento e a psicológica indiferença que definem o abandono final. Contudo, esses são indivíduos mais abertos à introdução de mudanças porque menos rígidos e, portanto, suscetíveis ao discurso do “meio-termo”: nem judeus nem adventistas, aceitam a constituição de um novo ator, ser judeus-adventistas.

Faz-se necessário admitir e reconhecer que a pregação positiva em relação aos judeus como irmãos expressa o reconhecimento dos adventistas em relação aos judeus como parceiros da era messiânica assim como contribui para eliminar ou minimizar comportamentos clássicos de preconceito e discriminação. O judeu é desconfinado/ libertado de seu gueto real ou simbólico e de seu gueto compulsoriamente obrigatório que ocorre por força da auto-segregação, trazendo-o para a “normalidade da diferença”, “fala-se dele e com ele” com naturalidade e outorga-lhe legitimidade dado o reconhecimento de sua condição de associado do plano divino na terra.

A preocupação em encontrar um local de encontro entre esses dois grupos sintetiza essa vontade de reaproximação e que se configura no Beth Bnei Tzion. No entanto, como o próprio nome sugere, não é um local neutro de convivência. É um espaço de convivência religiosa, de práticas judaicas congregadas em torno do Shabath e que se organizam tendo como modelo a sinagoga, acompanhando de perto os rituais, as preces, os paramentos e cânticos específicos do serviço religioso judaico, embora adotando o modelo das sinagogas liberais e introduzindo determinadas preces e gestos do culto adventista, como orações referentes à vinda de Jesus, o Messias. Contudo, esses templos não são denominados de sinagogas e tampouco seus pastores são chamados de rabinos.

Contrariamente aos movimentos anteriores predados pelos cristãos no sentido da Igreja dominar a Sinagoga visando sua destruição por meio do batismo, da conversão forçada ou dos autos de fé, os Adventistas do 7^o Dia através de sua Igreja pregam a reconciliação com a Sinagoga, revigorando suas crenças no Deus eterno e substituindo-a pelas congregações Bnei Tzion. Pergunta-se: será, a médio e longo prazo, um processo silencioso, aparentemente pacífico mas não menos violento, de substituir a identidade judaica pela identidade “judeu-adventista”?

Segundo a intencionalidade de aprofundar uma amizade mútua entre judeus e adventistas, conforme consta em seus documentos, a relação não ocorre necessariamente entre essas duas comunidades e sim, através de uma nova elaboração sincrética (judeu-adventista). Esta não representa o produto de uma junção integrativamente espontânea cujo processo de exposição prolongada “vis a vis” entre elas redundaria na elaboração e reelaboração de suas posições e oposições anteriores criando novas formulações adaptativas

ao meio circundante. Dificilmente o sincretismo é fruto do espontaneísmo interativo entre culturas. Na maioria dos casos implica na existência de uma não correspondência linear ou de igualdade entre as partes. Significa dizer que o sincretismo é decorrência da oposição entre a cultura/religião dominante e cultura/religião subalterna ou dominada na qual o polo dominante determina uma redefinição/retradução nos comportamentos, atitudes e significados do outro polo que finda por criar uma nova entidade como forma de sobrevivência e como mecanismo de permanência cultural.

O sincretismo “judeu-adventista” não é resultante de um procedimento espontâneo. Pelo contrário, ele decorre de um comando deliberado por parte dos adventistas por meio da criação da categoria de “judeus-adventistas”, sem deixar de reconhecer a extensa contribuição judaica à humanidade e à construção do edifício da civilização ocidental onde ocorreu a revolução protestante e, como decorrência, a emergência do Adventismo do 7^a Dia., além de sacralizar a função do judaísmo como construtor da fé monoteísta no mundo.

Entrevistas realizadas nos templos BneiTzion, no Rio de Janeiro e em S.Paulo, com pastores e fiéis, revelaram como pensam esses personagens em relação à criação desse espaço religioso e de que forma ocorre sua participação. A platéia não é grande, sendo maior em São Paulo cuja fundação deste templo é pioneira. Os entrevistados foram classificados em três grupos: os que eram freqüentadores assíduos e, portanto, considerados como elementos permanentes desse corpo social; os de presença não regular, denominados de flutuantes, e os visitantes. Um outro recorte foi processado na medida que esta assembléia se dividia em três outras categorias: adventistas do 7^a dia, judeus, e adventistas-judeus ou judeus-adventistas combinação usada indiscriminadamente sem nenhuma atribuição de preferencialidade ou conotação de importância à ordem utilizada dos termos.

O serviço religioso realiza-se às 6as. feiras no início da noite para receber festivamente a chegada santificada do Shabat – com o acendimento das velas e as rezas especiais em hebraico e traduzidas para o português, com o pastor paramentado com as vestes sabáticas e o público masculino usando o tradicional solidéu (kipá), homens e mulheres sentados separadamente. Procede-se a leitura de textos sagrados do Velho Testamento, a comunidade presente cantando os hinos judaicos de louvor próprios para esta ocasião à semelhança de serviços religiosos sinagogais, com algumas diferenças na medida que se intercalam pronunciamentos da teologia adventista contidos no Novo Testamento, principalmente referidas ao 2^o Advento – o retorno de Jesus, o Messias. No final do serviço religioso há benção do pão e do vinho, comunitariamente distribuído. Esta cerimônia

repete-se no Sábado pela manhã de forma mais simplificada porém o tempo é ampliado para o estudo das escrituras, orientado pelo pastor ou por um fiel que se compromete a assumir esta função. Outros feriados, como Pessach, Shavuot, Rosh Hashaná, Yom Kipur, Sucot, Hanuká são amplamente celebrados pela congregação.

A primeira impressão para quem chega, sem ser informado a respeito, é de estar entrando em uma sinagoga ou um pequeno templo judaico de orações na qual a Torá encontra-se no espaço fronto-central e em torno dela realiza-se o serviço religioso. Cada freqüentador tem seu livro de orações – o Velho e o Novo Testamento reunido em uma só encadernação – a Bíblia sagrada – e cada participante é chamado a proceder a leitura de um determinado trecho de acordo com a passagem semanal do Velho Testamento. Aos visitantes é oferecido um texto com as orações e cânticos para poder acompanhar a cerimônia.

Feita esta brevíssima etnografia do espaço e do culto, os resultados preliminares do questionamento realizado com os fiéis e os pastores permite a seguinte consideração: quando inquiridos sobre sua religião, muito poucos afirmaram categoricamente ser judeu-adventista ou adventista-judeu. A grande maioria reafirmou sua condição adventista e a pequeníssima minoria confessou ser judeu de nascimento e de pertencimento, auto-rotulando-se de históricos mas religiosamente aculturados, isto é, afastados dos padrões judaicos proféticos. Para estes, freqüentar o Bnei Tzion, que ajudam e apoiam, é um modo de reconstruir sua identidade judaica em outro estilo que possa se adaptar às demandas da modernidade buscando um sincretismo no qual possa combinar os preceitos éticos judaicos e a crença em Jesus como Messias. Sua busca de conforto espiritual sem conflito de interpretação, acalma contradições memorialistas de sua socialização na família, na comunidade judaica e na sociedade brasileira eminentemente cristã.

A decisão de escolher Bnei Tzion para sua paz espiritual se deve às convergências entre o judaísmo e o cristianismo não necessitando tomar atitudes e comportamentos radicais de forma a abandonar suas origens. Suas explicações parecem ter levado em conta uma certa negociação simbólica a partir de uma equação de “custo/benefício identitário”. Provisoriamente analisando, porque é necessário aprofundar essa questão em um universo mais amplo de entrevistas, parece estar havendo um processo de indefinição vivencial religiosa que poderá estar se refletindo na construção de um sentimento amorfo de identidade dupla, de natureza ambígua que não possibilita a auto definição do elemento caracterizador da identidade destes fiéis. Ou, também é possível sugerir que essa postura poderá estar demonstrando que as identidades religiosas uma vez instituídas passam a ter

dinâmica própria de longa duração que dificulta a passagem de uma crença para outra.

O abandono de uma crença e o abraço à outra não ocorre de forma integral, não ocorre uma transferência mecânica entre “in” e “out” visto que poderosos mecanismos de ordem subjetiva podem perdurar por períodos maiores ou menores obstaculizando a adesão total à nova crença. Embora cada religião proponha caminhos de salvação que são excludentes entre si e, por isso mesmo, as religiões são absolutistas e monopólicas em relação à fidelidade do seu crente, elas não são suficientemente poderosas para esgotar, esvaziar ou esterilizar completamente a situação anterior. Toda mudança social deixa resquícios e resíduos da anterior forma de comportamento e de pertencimento dos atores e das estruturas das várias instâncias da sociedade, não apenas no campo da religião.

Percebe-se que muitos dos visitantes adventistas ao Templo Bnei Tzion apresentam uma atitude de não envolvimento, não compreendendo os motivos explícitos ou implícitos desse movimento de aproximação entre cristãos e judeus. Há uma certa desconfiança não revelada, porém sentida. Parece estar havendo um conflito entre o que lhe foi ensinado sobre os judeus, deicistas, e sua atual importância atribuída no discurso adventista e nas prédicas pastorais. Alguns desses adventistas revelam seu medo em relação à aliança entre cristãos e judeus na medida que ainda estão impregnados de preconceitos anti-semitas.

As prédicas dos pastores enfatizam que a comunhão baseia-se em sua origem comum abrahâmica além da sacralidade do Sábado, o sétimo dia da Criação e da obediência às leis dietéticas (*kashruth*) contidas na Bíblia. Essa diferenciação em relação aos demais cristãos torna os adventistas uma religião minoritária no mundo cristão, porém não apenas numericamente minoritária mas, sobretudo, minoritária em termos de sua especificidade sabatista e profética e, por isso, acusada de judaizante. Pergunta-se: os judeus-adventistas, os Bnei Tzion, constituir-se-iam como uma possível aliança dos minoritários? Ou será uma resposta aos interesses dos adventistas em ampliar aliados para concorrer no mercado altamente competitivo dos bens religiosos da salvação?

A argumentação utilizada pelos pastores para justificar o exercício dialogal interreligioso encontra-se nas várias publicações nas quais se debate um elenco temático bastante diversificado sob a responsabilidade intelectual de representantes das comunidades judaica e adventista. A revista *Shabbat Shalom* coloca no frontispício de suas edições trimestrais a seguinte declaração: “O objetivo desta revista é promover um clima de respeito, compreensão e participação entre as comunidades judaica e cristã; não somente para o exercício do amor e de apreciação do outro, como

também, descobrir as verdades e valores que permeiam o gênio de ambas tradições. Esta é a esperança sonhada em nome do nosso jornal *Shabbat Shalom*: crença na reconciliação, desejo de Shalom (paz), inspirado e nutrido através de uma reflexão comum ancorada na experiência do Shabat (Sábado)”.

Os artigos publicados em suas revistas de divulgação de natureza filosófico-teológica, do qual participam pastores e rabinos, chamam a atenção para a necessidade de redescobrir, compreender e definir o elemento judaico no Cristianismo, fazendo-se a pergunta: O que de fato conhecemos sobre o Judaísmo? Porque tão pouco? O que acontece quando se conhece mais? “A frase *Israel kata Pneuma* (Spiritual Israel) não existe no Novo Testamento. Nós temos que apreender que judaísmo e a judaiedade não estão em conflito com a cristandade. No momento em que os judeus reconhecerem que nós não nos aproximamos deles por mera curiosidade mas por verdadeiro e genuíno interesse, eles estarão prontos a encetar um diálogo frutífero”.¹² Paralela-mente, o Rabino Philippe Haddad¹³ afirma que “dialogar significa reconhecer o outro e permitir-lhe um lugar sem impor nossas convicções. Dialogar significa ser um adulto, reconhecer os deveres e direitos do outro garantindo-lhe respeito, fraternidade e amor. Não há limites em um autêntico diálogo. Enquanto estivermos nos comunicando, nos dialogando, uns com os outros seremos capazes de como artesãos de produzir a matéria prima da solidariedade.”

O Rabino David Rosen¹⁴ chama atenção para o fato de que na vivência da história judaica, o Cristianismo nunca se apresentou como uma religião de amor. “Nós a testemunhamos como uma religião de violência. Nós não experimentamos o nome de Jesus como um nome de amor, nem tampouco a cruz tem sido para nós um símbolo de amor – esses fatos nós os vivenciamos como armas usadas para nos bater, nos massacrar. Enquanto, é relativamente fácil para os cristãos descobrir suas raízes judaicas e desenvolver um relacionamento positivo com os judeus e com o judaísmo, é ainda muito difícil para a maioria dos judeus se relacionar abertamente e sem preconceito em relação aos cristãos e à histórica experiência vivenciada por séculos”. Essa declaração do rabino Rosen reflete, bem de perto, a maneira como a maioria dos judeus brasileiros sente essa pretendida aproximação: com muita desconfiança. Por parte da comunidade judaica institucionalmente organizada há forte resistência quanto à possibilidade de contatos mais intensos na medida que poderiam redundar em ampliação do escopo e

12 Rolf Rendorff: “Spiritual Israel”. *Shabbat Shalom*, vol. 10, 1999.

13 Rabino Philippe Haddad, *Shabbat Shalom*, ibidem.

14 Rabino David Rosen, *Shabbat Shalom*, ibidem.

da natureza da participação inter-religiosa podendo gerar situações fora do controle comunitário ou coletivo. O drama da violência na historiografia judaica funciona como mecanismo de defesa contra possíveis invasões ou aproximações mais recorrentes. A reação ao fenômeno Bnei Tzion ou outros movimentos messiânicos como uma nova proposta religiosa de aparência judaica aparece no discurso da liderança comunitária como um perigo a ser combatido tanto devido ao esvaziamento interno em referência aos cânones judaicos quanto constituindo-se como uma estrada para a completa assimilação dos judeus cujo processo já se encontra bastante acelerado.

O diálogo interreligioso, através da aproximação e de respeito ao outro, pode, a curto prazo, redundar em vantagens e benefícios em relação à imagem dos judeus no mundo cristão no que se refere, principalmente, à culpa do pecado deicista. A recíproca também é verdadeira visto os judeus desarmarem seus espíritos vis a vis o cristão como seu perseguidor. Mas, a longo prazo, essas “juras de amor” poderão ter conseqüências negativas para o judeu principalmente quanto às possíveis demandas de homogeneização da fé para a preparação do momento messiânico. À guisa de reflexão, deixamos em aberto a questão sobre o futuro desse relacionamento decorrente do diálogo acima analisado: construindo pontes de entendimento e respeito entre as comunidades judaica e adventista ou as dinamitando? Quem sabe?